

ENTRE A FICÇÃO E A HISTÓRIA¹

BORIS SCHNAIDERMAN

A RIQUEZA DOS MATERIAIS divulgados a partir de 1985 obriga a repensar os caminhos percorridos pela cultura russa e, em particular, pela literatura. Às vezes surge uma dúvida: esta pletera de obras reveladas pela primeira vez não estará pesando demais sobre os escritores que publicam atualmente? Sem dúvida, o problema é real. Imagino a perplexidade de um intelectual russo a partir da *glasnost*, quando o mundo se abriu para ele, com as obras até então sonegadas, inclusive muitas russas. Mas, a par desta perplexidade, estavam livres os caminhos para a criação e resta-nos verificar em que medida eles foram seguidos.

Os Filhos da Rua Arbát de Anatóli Ribakóv² parece emblemático de boa parte da ficção russa. Trata-se de um livro muito bem feito, mas completamente apegado ao modelo do romance oitocentista. Escrito na década de 1960, só pôde aparecer em 1987. O autor havia publicado ficção bem no espírito do “realismo socialista”, com todas as limitações que isso implicava, mas quando se voltou contra o estado de coisas vigente, com

⁽¹⁾ O texto aqui transcrito é o início de um capítulo de meu livro, em fase de conclusão, *Os Escombros e o Mito – A Cultura e o Fim da União Soviética*. Peço desculpas pelo final abrupto, pois o capítulo era longo demais para uma publicação integral em revista.

⁽²⁾ Edição brasileira: Anatóli RIBÁKOV, *Os Filhos da Rua Arbát*, trad. Paulo Bezerra, São Paulo, Editora Best Seller, [s.d.], (publicação em russo: 1987).

muita firmeza e capacidade de análise histórica, seu instrumento já estava afinado.

O mesmo se pode dizer de Vassíli Grossman, sem dúvida um grande escritor, que morreu de enfarte em 1964, depois de ver o seu romance *Vida e Destino*³ seqüestrado pelo KGB, em consequência de uma denúncia pela comissão editorial da revista à qual fora encaminhado. É um vasto livro em que se tratam com a maior franqueza problemas candentes da vida russa, inclusive o anti-semitismo, preocupação constante do autor. Este evidentemente deriva seu livro de Leão Tolstói em *Guerra e Paz*, um modelo que o ajudou a penetrar fundo nos problemas humanos ligados com a guerra e o stalinismo.

Outros autores, menos marcados pela herança do “realismo socialista”, ainda assim têm sua relação bastante direta com a prosa russa oitocentista. É o caso de Liudmila Pietruchévskaja, que expressou com muita força a vida nas habitações coletivas, o sacrifício do dia-a-dia e o penoso das relações humanas nessas condições. Na realidade, ela conseguiu criar um universo ficcional que tem muito em comum com dois versos que subsistem, isolados, no legado de Óssip Mandelstam:

“O sangue jorra em pias de cozinha,
E dedos de mulher cheiram a querosene.”

No entanto, uma cultura que passara pela grande explosão artística do início do século forçosamente haveria de se expressar também por meio de formas menos tradicionais.

Um grande exemplo neste sentido é certamente *Escola de Bobos*⁴ de Sacha Sokolóv, que só pôde publicar este seu romance nos Estados Unidos em 1976, depois de emigrar para o Canadá. Definido por Wolfgang Kayser como “a obra mais surrealista da literatura russa moderna”, ele foi também muito elogiado por Nabokov.

Retomando o velho tema da relação entre o mundo dos “débeis mentais” e o dos “normais”, o que faz o primeiro aparecer como a versão concentrada do segundo (vejam-se os grandes exemplos *Enfermaria n° 6* de Tchékhev e *O Alienista* de Machado de Assis), Sokolóv cria um relato

³) Ao que parece não está traduzido para o português. Publicado pela primeira vez em russo pela Editora L'Âge d'Homme, Lausanne, Suíça, em 1980.

⁴) Tradução brasileira: Sasha SOKOLÓV, *Escola para Bobos*, trad. Konstantin G. Asryanzt e Svetlana Kárdash, São Paulo, Ars Poetica.

alucinado em que o cotidiano soviético e o fantástico mais desenfreado se misturam e, com freqüência, uma estória surge de “realidades gramaticais” como a ocorrência de homônimos. O romance provoca inversões temporais, funde o passado com o presente e instala o mitológico no cotidiano de uma cidade de veraneio.

Quem prefacia a primeira publicação na Rússia, na revista *Oktiabr*, é Andréi Bitov, outro escritor que se caracteriza pela busca de formas de expressão novas. Tendo permanecido na Rússia, ele guardou na gaveta ou publicou no Ocidente boa parte de sua obra. Seu livro mais conhecido, o romance *A Casa de Púchkin*,⁵ teve capítulos divulgados na imprensa soviética, mas só apareceu na íntegra nos Estados Unidos em 1978. Republicado na Rússia em 1988, encontrou finalmente o seu leitor compreensivo: embora muito traduzido, é tão repleto de alusões literárias, tão ligado à realidade lingüística russa, que dava pena ver o exílio a que o livro fora condenado.

Numa publicação recente, V. V. Ivanov afirma que “a geração mais nova de escritores nos alegrou ultimamente com livros incontinentemente jubilosos, em primeiro lugar e sobretudo, pela fulgurância experimental do estilo”, e cita várias obras nesta direção, o que me é confirmado pelas minhas últimas leituras. Já se faz sentir, portanto, na escrita dos novos autores o conhecimento, que se tornou acessível, tanto das vanguardas européias como das próprias obras russas nesta direção.

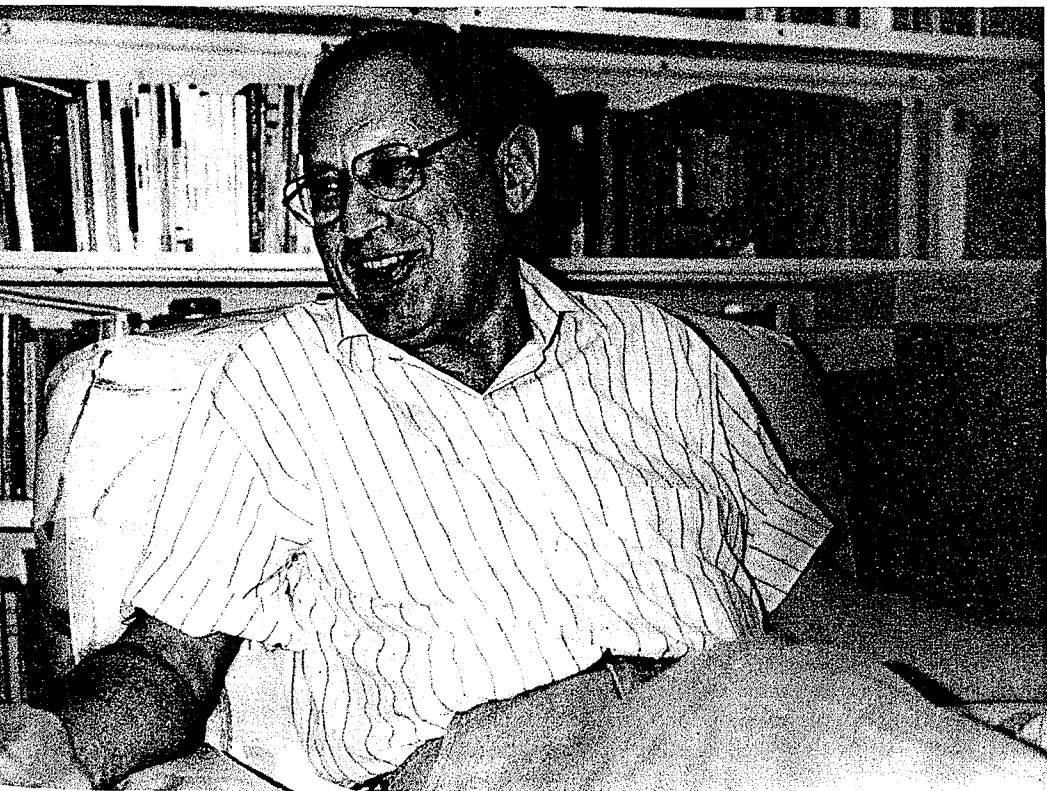
Vassíli Aksionov, que reside nos Estados Unidos desde 1980, depois de uma entrevista muito corajosa ao *Le Monde*, na qual se comparava a um bicho raro, dada a sua condição de autor cujos livros não eram publicados em seu país, mas vendidos pelos próprios poderes oficiais a editoras estrangeiras, no afã de conseguir divisas (“A literatura não é de modo algum um caviar, e eu mesmo não sou um esturjão”), é um escritor de obra desigual, mas que tem momentos arrojados de realização, como *Sviiajsk*, uma novela admirável, isto sem falar de sua ficção da década de 1960, quando ele se tornou um dos ídolos dos jovens.

A crítica russa tem destacado a importância do romance do estudioso russo de budismo, A. M. Piatigórski, *A filosofia de um beco ou História da existência ainda não concluída de um filósofo russo, contada pelo autor e também por alguns outros mais ou menos filósofos russos*, que já saíra em

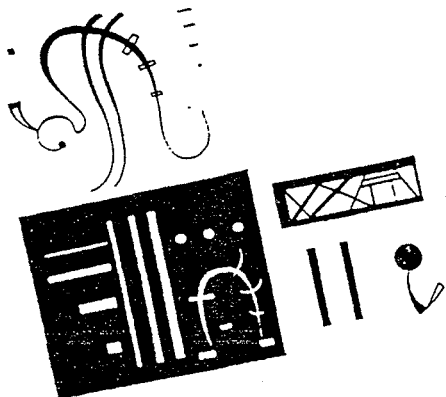
⁵⁾ Não tem tradução brasileira.

russo no Ocidente, mas foi também editado recentemente em seu país. A narração se dá em parte na sala dos fumantes da Biblioteca Lênin e, segundo V. V. Ivanov, “no romance adquirem vida a ambiência e os pormenores externos daquela formação e daquele fervilhar do pensamento, sem os quais não existiriam os subseqüentes vôos do conhecimento de humanidades na Rússia, inclusive as pesquisas ideológicas e filosóficas do próprio Piatigórski”.

No entanto, se tivesse de indicar aquilo que a literatura russa mais recente apresenta de mais característico e que lhe dá um toque peculiar, eu apontaria para a oscilação entre o ficcional e o histórico (pelo menos na base das minhas leituras até hoje). Ela aparece claramente nas obras apontadas até agora, mas se expressa mais diretamente numa série de escritos, uns autobiográficos, outros bem próximos do confessional e documentário.



ENSAIOS



A ALMA DESILUDIDA HABITA *ÀS AVESSAS*

ENRIQUE MANDELBAUM*

RESUMO: A partir de uma leitura do livro *Às Aversas*, de J.-K. Huysmans, o autor realiza uma reflexão sobre o significado do conceito de decadência e sua vinculação com o esteticismo e com a desilusão quanto à razão, ao idealismo e à perfectibilidade humana.

PALAVRAS-CHAVE: Simbolismo; Decadentismo; Esteticismo

A leitura de *Às Aversas*¹ suscita a reflexão sobre o fenômeno da *decadência*, tal como encontra-se manifesto no decorrer do romance, ou nesse enquanto obra terminada.

O que é *decadência*? Pensar no termo promove ressonâncias com as idéias de declínio, queda e degradação. Um lamento deve ser parte de uma composição decadente. Ruínas podem ser uma das perspectivas à vista. Parece que o terreno em que estamos operando mantém-se em estreito contato com a fronteira da morte. Porém, a morte em si, o cessar absoluto, que bem poderia ser uma esperança – por que não? –, está aqui para sempre fora do alcance, seja como solução ou possibilidade. A *decadência*, por paradoxal que seja, alimenta-se da idéia de eternidade. Apenas aquele que sabe que irá permanecer apesar de tudo e contra tudo pode verdadeiramente erguer um lamento por algo que se esvai, que deixará de ser. E não se trata apenas de lamento, não é só nostalgia. A *decadência* não é um estado que vive mergulhado no passado. Ela ganha legitimidade por sentir o presente a correr irremediavelmente para ser tragado por um futuro que o abocanha por inteiro, sem o menor respeito ou consideração pelas colossais construções passadas. Não é medo do desconhecido. Este pode até ser amigável, quando simbolizado a partir de formas e modos tradicionais.

* Psicólogo e pós-graduando no Centro de Estudos Judaicos da USP.

(1) J.-K. HUYSMANS, *Às Aversas*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.